



PRÁTICAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE : UM NOVO OLHAR SOBRE A HOMOFOBIA NA ESCOLA.

AUTOR : LUIS CARLOS PAULINO DA SILVA

prof.carlinhopaulino@gmail.com

RESUMO: O presente artigo faz uma abordagem a respeito de algumas práticas desenvolvidas no âmbito escolar entre os segmentos que podem servir para criarmos um debate sobre a diversidade de gênero e sexualidade, a partir da expressão comum da Heteronormatividade como relação de poder entre os sexos masculino e feminino e sua relação com a diversidade de acordo com a orientação sexual até as possíveis ocorrências de reações homofóbicas. Considerando-se a importância da naturalização na formação humana e o convívio social, fazendo-se a inclusão no currículo como tema transversal, evitando ser tratado de maneira equivocada ou com atitudes preconceituosas e ou até desrespeitosas mediante a diversidade de gênero e de sexualidade nos dias atuais na clientela da escola pública. Desenvolvemos algumas atividades com o objetivo de reconhecer a aceitação sobre a diversidade de gênero e a sexualidade pela reflexão crítica de texto, observando o relacionamento e consultando professores com questionário como forma para analisarmos a realidade, principalmente as manifestações discriminatórias por definirem aversão e homofobia aos grupos feministas e dos grupos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) ou seja, às pessoas que estão fora do binário padrão de gênero.

Palavras-chave: Práticas - Escola - Gênero - Sexualidade - Homofobia

1 – INTRODUÇÃO

O fato de estarmos em pleno século XXI, percebe-se que algumas coisas ao longo dos anos conseguiram evoluir por estarmos em uma fase do crescimento gigantesco da globalização e de toda expansão da tecnologia. Mas em relação a determinados “ assuntos “ que dizem respeito a humanidade, aos aspectos sociais e culturais e sua diversidade, ainda encontramos determinados desafios e obstáculos em termos do que é ainda considerado “ *minoria*” e que ainda continua em uma fase de luta pelo principio da igualdade social em relação ou contra a discriminação e até mesmo a exclusão nos espaços públicos pela falta de aceitação e pelo preconceito.

Atualmente, encontramos uma realidade completamente diferente do passado, ou seja, depois das décadas de 60 e 70, aqui no Brasil, de acordo com a literatura vigente, passamos a encontrar nas Escolas Públicas Estaduais e Municipais alunos e alunas totalmente diferentes dos



períodos históricos nos séculos passados. Havendo uma característica considerada mais aberta e inclusiva, além de mudanças com significação expressiva nos aspectos sociais, históricos e culturais a respeito das relações de gênero e de sexualidade, apesar das práticas exclusivistas que direta ou indiretamente acontece, chegando ao ponto de considerarmos como práticas totalmente geradoras da exclusão.

Exclusão esta por conta dos preconceitos que ainda existem na sociedade brasileira, principalmente em relação a questão de poder pela diversidade de gênero e da sexualidade das pessoas, chegando na década de 1980 com a existência de movimentos sociais provocando grandes discussão sobre AIDS e suas diversas maneiras de entendimentos relacionados principalmente com a sexualidade, dispomos de alunos e alunas nestas escolas de origem de todas as classes sociais, inclusive das classes menos favorecidas, levando em consideração os aspectos sociais, históricos, econômicos e culturais.

Este trabalho busca debater a diversidade humana em relação a questão da grande convivência do contexto escolar, constituindo os diferentes segmentos, assim como: alunos, professores, funcionários e gestor(a), que integram uma grande variação, da mais simples até a mais complexa, a partir da divisão entre as pessoas em machos e fêmeas, assim chamados de acordo com os gêneros: masculino e feminino, motivo preliminar para se estipular uma ordem de valor e poder, onde o masculino goza desse privilegio sobre o feminino como uma herança da cultura imposta na relação humana, que gera uma certa distância e diferença classificatória, preconceituosa e prejudicial ao princípio da igualdade.

Tendo como objeto de estudo principalmente a análise do comportamento e da relação decorrente das dificuldades de compreender, respeitar, aceitar e incluir o “ diferente “, através de uma prática escolar formal que se desenvolva respeitando sua autonomia e que se disfarçam os impasses de complexidade da sexualidades das pessoas .

Pois é assim que é formada a nossa atual clientela escolar, de pessoas de ambos os sexos, principalmente o corpo discente por ser a maioria no respectivo grupo, que diante desta normalidade, mas, em determinados momentos a própria escola estabelece algumas regras para convivência, criando assim uma divisão entre os seres de acordo com o seu gênero, como forma de criar um determinado estereótipo característico que direta ou indiretamente constitui uma forma de construir a diferença.

De acordo com Carvalho, o debate sobre a diversidade sexual e de gênero ocorre desde a década de 1970, mas só recentemente está chegando à escola, devido a forte pressão dos grupos LGBT que lutaram e continuam lutando contra a discriminação e exclusão nos espaços públicos da sociedade brasileira.



(CARVALHO, 2011,p.127).

Esta problemática surge a partir de uma das formas que facilita a nossa comunicação em qualquer grupo social, todas as vezes que dispomos de pessoas que envolvam os dois gêneros,ou seja : masculino e feminino, considerando-se a regra gramatical da Língua Portuguesa quanto ao uso e emprego dos gêneros na sua pluralidade, usamos como forma de certificação e refinamento da língua, o masculino. Atribuindo-se assim, como função genérica entre ambos, mesmo quando nos dirigimos a um número de pessoas em que na sua maioria sejam do gênero feminino.

O que desde então se caracteriza uma verbalização do tipo machista ou feminista ou priorizando o sexismo :

O sexismo é um conjunto de diversas manifestações de comportamento discriminatório, que favorece um sexo em detrimento de outro, no caso da regra gramatical o masculino sobre o feminino, enquanto que o Gênero é um termo polissêmico que pode designar : espécie,grupo de coisas , plantas , animais; artigo, o sexo; até a elaboração cultural de masculinidade e feminilidade(.CARVALHO,2003,p.8 e 9).

Mas ainda podemos acrescentar que o sexismo consiste em uma prática de discriminação ou de uma forma de relacionamento onde um se sobrepõe ao outro, portanto, a partir desta conceituação considerarmos a reação homofóbica ser considerada também uma forma do sexista, motivo este que nos levou a imbricar este termo na construção da pesquisa realizada.

Neste caso referimo-nos às pessoas considerando-se ou determinado-as de acordo com o seu sexo, apesar de toda a diversidade e da inclusão da mulher em diferentes setores sociais na contemporaneidade, quer por direito ou por duras e difíceis conquistas, mediante as lutas pela igualdade social, independentemente do sexo e da sexualidade da pessoa, hoje assegurado na atual Constituição Federal como uma política de inclusão e de igualdade.

Salientamos que esta regra da gramática da língua portuguesa a certo ponto ela fortalece a ideia de que seja natural que os homens dominem a relação de poder diante ou sobre o sexo feminino. Portanto, eis um grande motivo para abordarmos a questão de gênero no contexto escolar, para que possamos refletir em conjunto a importância de cada um neste espaço considerado como a maior agência do conhecimento – a escola.

Elegemos como primordial problematizar ou buscar alguma resposta para questões sobre a diversidade sexual e a homofobia que faz parte da vida de algumas pessoas desde a infância e que pode perdurar por toda a sua vida. Situação esta onde homens e mulheres são rotulados e concebidos de forma diferente, como se dessa diferença constituir-se-ão sujeitos diferentes, anormais, enfermos. Para algumas pessoas é como se o gênero determinasse uma dimensão de constituição da pessoa e que o diferenciasse um do outro, ou de um sobre o outro e com uma



determinada existência formadora que pudesse ser atribuído uma escala de valores, determinando assim uma prática inclusiva ou exclusiva, onde o gênero e o sexo figurasse como algo determinante na constituição do caráter, personalidade e da própria qualidade da pessoa.

É tanto que na prática generalizada da comunicação quando se fala sobre gênero de imediato relacionamos a sexo. Mas esta é uma das propostas que ressaltamos em termo de uma reeducação não sexista, ou seja, em busca de uma equidade de gênero de forma que no relacionamento escolar seja criado um verdadeiro sistema de relações interpessoais, tendo como base a igualdade entre os sexos e construindo assim uma valorização equilibrada das diferentes qualidades das pessoas, quer sejam masculinas ou femininas, respaldando-se através de conceitos que gênero não é sexo e nem determina personalidade de ninguém.

Finalmente, argumentamos que é de acordo com o nível de cultura, conhecimentos e conscientização dos direitos humanos que cada sociedade poderá atribuir às pessoas funções e identidades diferentes, de acordo com o seu entendimento que tem do que é, e do que consiste em ser do sexo masculino ou feminino.

Pois, do ponto de vista *masculino* em algumas cultura de um determinado território ou região, é estereotipado pela relação homem e a prática heterossexualista, dessa forma, promovendo a ideia de que ser um “homem” devem demonstrar características identitárias diferentes da mulher em determinadas circunstâncias impostas ou determinadas pela sociedade ou pela cultura da seguinte maneira que pode ser atrelado a determinadas dicotomias, por exemplo: chorar X não chorar; sexo forte X frágil; atividade de casa X de trabalho; ser engenheiro X ser professora, ou alguns termos que são atribuídas com o objetivo de inferiorizarão por intermédio do preconceito em relação ao sexismo.

Já em se tratando de uma pessoa do sexo masculino ser homossexual, neste caso são rotulados ou tratados geralmente por alguns héteros da seguinte forma :

“fresco, mulherzinha, viado, viadinho, bicha, boiola, frouxo, fraco, biba” etc. ou do ponto de vista feminino: “saboeira, mulher-macho, sapatão, machão”, etc., gerando xingamentos homofóbicos atingindo o nível de completa desvalorização das pessoas que se concretizam-se na prática preconceituosa no relacionamento social, conforme a cultura popular do interior paraibano.

De acordo com o pensamento do Mestre Paulo Freire, quando ele afirma que a “Educação pode mudar as pessoas e as pessoas podem mudar o mundo”, nos dar a esperança de conseguirmos algo importante na relação social através das práticas educativas realizadas na escola, ou seja, em podermos conseguir modificações nas pessoas em particular em nossos alunos (Corpo Discente), daí, por isso, usamos este pensamento do grande mestre, como ponto de partida para justificarmos a nossa escolha do tema deste artigo pela confiança exaurida na educação pelo ato de mudança ou transformação através do conhecimento.

O desconforto de “*sentir-se desigual*” (e, por isso receber um



tratamento discriminatório) pode ser efeitos, como o estresse e a depressão, que tensional e debilitam a saúde, o equilíbrio emocional, em dimensões especialmente significativas e profundas, pois estão introjetadas nos sentimentos e nas avaliações dos sujeitos sobre si mesmos.

(RANGEL, 2013, p.19).

A política educacional recente aponta uma necessidade de se incluir no currículo escolar algo que possa ser levado ao conhecimento dos discentes sobre a questão da diversidade sexual e a relação com a sexualidade, além de podermos aprofundar uma discussão sobre a prática do sexismo em sala de aula e as reações consideradas discriminatórias e homofóbicas, diretas e indiretamente entre os diversos segmentos que constituem a comunidade escolar, como uma possível forma de se evitar o desconforto da desigualdade diante do padrão social humano.

Esta proposta desenvolvida está de acordo com minhas inquietações profissionais que surgem no dia a dia na prática docente com alunos desde o Ensino Fundamental e ainda com os alunos do Ensino Médio durante toda a convivência na escola.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. (...) a sexualidade é, de forma mais ampla, expressão cultural.

Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo. Nesse sentido, a proposta de Orientação Sexual considera a sexualidade nas suas dimensões biológicas, psíquicas e sociocultural. (BRASIL,PCNs, Vol. 10,p.117)

O que nos deixa bastante preocupado mediante esta realidade é que se torna difícil um educador que encontra-se trabalhando com a Educação Básica fugir deste desafio. E que a Escola assuma a responsabilidade de fazer alguma coisa para tentar amenizar a situação e evitar que haja exclusão social por conta de um entrave social sobre gênero e por sexualidade, embora por menor que seja seu estado de formação em relação a este tema.

Isto porque hoje se faz presente na realidade da maioria ou em quase todas as escolas e que deve ser incluído na proposta pedagógica ou se fazer incluído nos temas transversais do currículo da escola, por ser de grande importância para o conhecimento dos discentes.

Se somente a heterossexualidade é admitida, ela se torna o único valor positivado, agregando estima ou conceito de si (ou autoconceito): é o que se chama de autoestima (mais positiva, caso o autoconceito agregue elementos de gênero considerados superiores ou necessários, negativa em todos os outros casos). (CARVALHO, 2011,p147)



Portanto, para que possamos atingir o grande objetivo que é termos uma escola com uma educação inclusiva, sem haver uma prática nem marxista e nem tampouco feminista e muito menos admitir que a escola seja uma instituição criadora de uma prática exclusivista com os alunos de orientação sexual diferente do padrão social, mostrando também a possibilidade de haver uma outra opção.

Por isso convém explicitar o que afirma Mary Rangel :

Pensar as identidades sexuais significa também compreender os discursos dos seus sujeitos. Essa compreensão requer, ainda, refletir sobre as práticas educativas que nos formaram e influíram na maneira como percebemos o significado de ser homem ou mulher, frequentemente orientado por dicotomias. (RANGEL, 2013, p. 37)

É são por essas dicotomias entre os gêneros que se dar o início do preconceito a respeito da diversidade sexual e por sua vez os preconceitos contra a padronização social e cultural. Se é que podemos chamar esta diferença de padrão, mediante o direito da singularidade de cada sujeito e principalmente pelo sexo ser apenas uma expressão biológica e que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais) que não diminui nada de ninguém, e que a diversidade da prática sexual também não deixa de conferir principalmente a qualidade humana da pessoa.

A literatura disponível indica que não podemos deixar de mencionar a grande contribuição que ora dispomos como fundamento básico para construção de uma nova política educacional nas escola em relação a igualdades que são justamente os dispositivos da atual Constituição Federal de 1988, no seu Artigo 3, inciso IV, afirmando que:

- Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil :

Promover o bem de todos, sem preconceito de origem , raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Portanto, dar-se a entender que diante da Carta Magna do Brasil, o ato discriminatório por conta de qualquer um dos itens acima citado, no caso em particular do sexo contraria totalmente este objetivo dos princípios fundamentais.

Nestes termos a cidadania e a dignidade da pessoa humana ficou consagrado pelo princípio de igualdade entre homens e mulheres, incluindo-se ai os considerados desiguais do padrão “ normal “ pelo fato de citar o não preconceito em relação ao aspecto do sexo, que vai além da questão do gênero.

Entendemos que estes dispositivos tratam de forma específica a consolidação do valor da igualdade das pessoas independentemente de cor ,sexo, raça, etc. colocando assim em prática o respeito as diferenças humanas em toda a sua diversidade. E por outro lado começando o embate contra a discriminação que ora pode e deve ser incluído no (P.P.P.)Projeto Político Pedagógico de toda e qualquer escola, com uma proposta voltada para promoção da igualdade, que por sua vez



mostra-se por um fortalecimento para a igualdade e contra discriminação.

Portanto o nosso estudo realmente começa em fazer esta reflexão para que a escola não venha a cometer esta prática da desigualdade entre os alunos independentemente do seu gênero (masculino ou feminino), sem prioridades e sem discriminação para com todos os (as) alunos (as).

O objeto de estudo deste trabalho consiste justamente em fazer uma reflexão crítica de uma prática com foco por uma educação inclusiva, daí , nos resta a trabalhar, implantar e criar uma nova metodologia para o relacionamento e convivência escolar onde possa prevalecer o princípio da igualdade diante de todo aspecto da diversidade de gênero e da opção sexual .

Pois acreditamos que não dar para trabalhar sobre gênero e ignorar a diversidade sexual e sua prática diante da Heteronormatividade por conta da rejeição ou da falta de educação em se poder aceitar a opinião do(a) outro (a) quanto ao Homossexualismo, o Lesbianismo, a Transexualismo entre outras formas de opções .

O processo das questões relacionadas quanto a diversidade sexual que vai do sexismo até chegar praticamente a Homofobia no contexto escolar. Sendo este realmente um dos assuntos que muito nos interessa em relação à realidade na contemporaneidade, pois esta é realmente a parte crucial da diversidade de gênero e sexual.

Por se tratar da parte que pode gerar mais problemas na escola por conta dessa falta de aceitação e da possibilidade de gerar violência ou uma exclusão silenciosa, onde o (a) aluno (a) vai perdendo o direito ao espaço e participação, mediante os xingamentos, desrespeito, chacotas, bagunças e outras atitudes que deixam alguns desses(as) alunos (as) fora do processo participativo

3 – ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa foi realizada sob tipo qualitativa, mediante o contexto em estudo e através de diferentes formas para aquisição dos dados , principalmente através da análise documental da obra de Lindamir S. Casagrande (Igualdade de Gênero – enfrentando o sexismo e a homofobia) em seus diferentes textos que deixa bastante óbvio a questão de gênero e a sexualidade explicitando a diferença e a diversidade em um texto de Constantina Xavier Filha, , na página 309.

Assim como na obra de Mary Rangel (A escola diante da diversidade) no texto, Gênero e Sexualidade : Diálogos e Conflitos) por tratar da realidade que vivemos em nossa escola em uma comparação direta. Tivemos um grande auxílio na questão de conceitos de alguns termos com os livros da Professora Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho, principalmente a obra : Equidade de Gênero e Diversidade Sexual na Escola : Por uma prática pedagógica Inclusiva , por estar totalmente vinculado e os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), no Volume 10 que trata da Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.



Além do estudo documental, podemos citar o trabalho realizado na pesquisa principalmente com a observação participante do comportamento na relação diária dos alunos no ambiente escolar, alguns depoimentos de alunos, das Professoras de Biologia, História, Sociologia e com a Gestora Escolar sobre o contexto diário do trabalho docente que são desenvolvidos na Escola .

Conseguimos realizar esta observação em particular a partir da exposição de que estávamos realizando esta pesquisa e com objetivo definido sobre o determinado assunto de gênero e de sexualidade com a turma do segundo ano do Ensino Médio que ora funciona no turno da tarde.

Tivemos um momento especial que foi justamente no ato da leitura e interpretação do texto que levei para sala de aula para realizarmos uma aula diferente com a leitura e interpretação da mensagem do texto – *Somos iguais ou diferentes ?*

Pois deu para perceber que quando falamos diretamente sobre o assunto a realidade muda completamente, pelo motivo de que quase ninguém, ou seja, é muito difícil uma pessoa se assumir como preconceituosa ou que não aceita a homossexualidade. Hoje existe uma camuflagem social onde muita gente se esconde por trás de palavras ou discursos bonitos, mas que na realidade não passa de uma desculpa imaginária, sem nenhum fundamento interior.

Embora, na prática, uma pessoa que seja gay ou lésbica, tudo é motivo de “ chacota “ , assim como: bicha, fresco, vendo, sapatão, etc. ou ainda expressões que diminuem a pessoa , pois , cheguei a ouvir alguns alunos, tratando o aluno “ x “ que é homossexual durante conversa informal nos corredores da escola como :

Bicha é fora, te cala ! - A conversa não chegou no chiqueiro viado ! – Que bicha atrevida ! – Te enxerga bicha ! Vem mulher, tu és feia mesmo fresco! Lá vão as sapatão ! Safadas ! Isso , vale salientar, por trás em sua maioria, se negando ofender e ofendendo.

Ficando óbvio a desigualdade no tratamento pelo fato da diferença do padrão sexual na convivência social, embora o aluno “ x “ levar na brincadeira e não reagir ao devido tratamento.

Já entre os professores, obtive o seguinte resultado, tendo sido lançada as seguintes perguntas com o objetivo de obter dados sobre a pesquisa na visão dos formadores:

- 1. Você percebe alguma diferença no tratamento dos alunos em relação à diferença de gênero e a sexualidade?

- Professora de Biologia –

-Sim. Com certeza, na turma do segundo ano a dominação maior da fala são com as meninas . Elas dizem que os meninos não sabem de nada. São Preguiçosos e irresponsáveis. Agora com o aluno “ x “ que é homossexual tenho que falar no assunto , em quase todas as aulas. Sempre surge problema . Quer dizer, não há muito respeito.



Professora de Sociologia.

-Não. Nas minhas aulas, eles se comportam bem. O aluno “x” é que brinca muito com os meninos, daí, começam a querer bagunçar com ele. Mas ele parece que gosta da brincadeira dos meninos. Mas sempre surgem alguns problemas.

Professora de História .

- Sim. Percebo tanto em relação a diferença de gênero principalmente com os homossexuais masculino , já com as meninas Ye K, que são lesbica, nunca percebi nenhuma diferença de tratamento. É mais com o masculino. Agora com elas, é uma falta de respeito , uma bagunça grande .

- Gestora Escolar.

Não. é muito difícil. Quer dizer a mim, ele nunca veio se queixar de nada. Só vejo ele sempre alegre, animado, brincando aqui na Escola. Agora tem um detalhe, dar para perceber que os meninos gostam de estar em primeiro lugar. Eles demonstram um comportamento de superioridade diante das meninas.

Professora de Português

A pedido do professor Luis Carlos trabalhei com a mesma turma um texto relacionado com o tema, nas, senti uma certa dificuldade mediante a interpretação dos alunos. Eles demonstraram certo acirramento sobre suas opiniões em relação aos gêneros (Masculino e Feminino). É como se um fosse sobre o outro, até mesmo em termo da gramática da Língua Portuguesa, por generalizarmos o masculino em casos de surgir ambos em uma única frase. Eles chegaram a dizer que a própria gramática já aponta a masculinidade acima gênero Feminino. Deu certo trabalho para realizar este trabalho com uma justificativa mais coerente e igualitária.

E percebemos que sempre houve este clima de diferença entre os gêneros e principalmente por termos alunos (gays) homossexuais e lésbicas por parte da insegurança da gestora e de alguns colegas do corpo docente e em relação aos alunos, nem sempre e nem todos aceitam as pessoas como elas são, surgindo assim, os aspectos de discriminação e preconceito com estas alunos .

Na realidade é muito relativo, tem casos que depende muito do relacionamento do(a) Professo (a) com os alunos e alunas principalmente com os homossexuais. Pelo apoio, pela aceitação ou pelo preconceito do próprio Docente para com os alunos.

Durante a pesquisa também foi realizado a leitura do texto – Somos iguais ou diferentes? Em sala de aula. Uma leitura coletiva em seguida abriu um espaço para reflexão a respeito da mensagem principal do texto.

Na reflexão ouvi a opinião de alguns alunos, outros ficaram calados, no entanto, fiz as



seguintes anotações:

Aluno X - Todos são iguais, sem nenhuma distinção, principalmente por conta de sexo.

Aluna K – Eu acho que não. Cada um é cada um mesmo. Homem é homem e mulher é mulher. Agora diante de Deus é que somos iguais.

Aluna M – Depende. Na realidade há muita diferença mesmo.

A mulher é mais fraca.

Aluna Y – em minha opinião nós somos mais diferentes do que iguais em muitas coisas .Somos iguais só em relação a vida mas os corpos são diferentes , o modo de pensar , de agir na sociedade.

Aluno W – Somos diferentes sim. Homem é macho e a mulher ainda é subordinada ao homem. Não pode ser igual. O homem é diferente.

Mediante as diversas opiniões dos alunos e das alunas, deu para perceber que ainda há uma grande necessidade da escola trabalhar esta questão, pois , as falas ainda foram muito divergente em relação a diferença dos gêneros e principalmente sobre a orientação sexual . Há na verdade uma camuflagem da realidade. Ninguém assume ser contra, mas, na verdade não se mostram ter uma aceitação plena . Ainda existe e muito é preconceito contra os homossexuais masculinos e femininos, pelo menos essa foi a conclusão , diante das interpretações do texto trabalhado, dos debates, das observações dos tratamentos, e principalmente dos conceitos e valores a partir da desigualdade que eles se referem entre Homem e Mulher em relação aos gêneros e sobre a orientação sexual pior ainda.

3.1 – Campo da Pesquisa:

A pesquisa foi realizada com a Turma do Segundo ano do Ensino Médio no Turno Vespertino na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ana Ribeiro , situada à Rua Eunice Barbosa n 10 – Centro da Cidade de Salgado de São Félix – PB.

Durante as aulas de Língua Inglesa e de uma forma complementar em outros horários que consegui com a gestora da Escola para poder realizar com a turma outras atividades mais diretas e especializadas a respeito do tema da pesquisa ,

Conseguimos realizar algumas leitura e interpretação de alguns textos sobre Gênero e Homofobia , entrevistas com os alunos e alguns Professores, como os de Sociologia, Biologia , História , Filosofia e com a Gestora da Escola, além do texto que foi lido, refletido e questionado em sala de aula (texto – *Somos iguais ou diferentes ?*)



3.2 - Técnicas de Coleta de dados :

Nesta pesquisa combinamos uma diversidade de forma de recursos para coletar as informações que consideramos importante para poder produzir algo que seja um ponto de reflexão para este tema que no presente ocupa um espaço de grande importância para implantação de uma proposta inclusiva no contexto da escola pública.

Portanto, usamos a observação participante, a entrevista e a análise documental de alguns documentos como a LDB(Lei de Diretrizes e Bases) , ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente, DCBEM (Diretrizes Curriculares Brasileira Ensino) até a constituição Federal de 1988.

Usamos alguns textos ou livros de alguns autores, pois foi muito importante ver algumas ideias de alguns autores a respeito deste tema para complementação dos conhecimentos teóricos e práticos.

E só assim possamos construir um juízo de valor através do sentimento apresentados pelos colegas professores, pelos alunos e alunas “ gays”, procurando acompanhar com maior intensidade em sala de aula e principalmente fora da sala , ou seja , nos corredores, na biblioteca, no momento da distribuição da merenda escolar , nos momentos em que eles nem esperavam que havia alguém observando o relacionamento e El algumas conversas informais com alguns e algumas alunas da mesma turma e falando diretamente sobre a existência dos gays masculino e femininos na turma. Buscando assim adquirir dados reais dos colegas fora do conhecimento da turma.

Para isso requer tempo, pelo fato que ninguém conhece ninguém plenamente ao ponto de se fazer um juízo de valor e nem sempre as pessoas mostram o que na verdade tem em seu interior. Na verdade há uma grande complexidade em relação ao assunto, certa delicadeza, pois nem todas as pessoas afirmam ou negam verdadeiramente o seu pensamento. As vezes jogam palavras fora para não desagradar, para não ser mal visto socialmente, como uma pessoa de visão retrógrada , mas , na verdade o preconceito existe no interior da pessoa e não podemos ver e só sentir em alguns determinados casos específicos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO :

Considerando os dados obtidos nesta pesquisa e principalmente pelas reações da comunidade escolar em se tratando deste tema gênero e sexualidade, chegamos a constatar que sobre as diversidades, continua ainda sendo um tema com tamanha ignorância de muitos, apesar de tantas pesquisas já realizadas e da inclusão deste tema nos PCNs do Ensino Fundamental e Médio.

A questão da diferença dos sexos entre os alunos no contexto escolar, focalizam os campos das relações de gênero (masculino e feminino) chegando ao sexismo de ambas as partes, considerando-se a Heteronormatividade como padrão ou regra social, até a prática homofóbica de forma direta ou indiretamente ou até mesmo de uma maneira silenciosa porém , exclusivista, deixando , os “ diferentes “ praticamente isolados e com poucas oportunidades de participação pela



falta de espaço ou pelo “ medo “ de se apresentarem diante do público, evitando serem tratados com termos frustradores, excludentes, como se tratassem realmente de determinadas “ coisas “ fora do considerado normal social e culturalmente.

Um dos principais depoimentos e observação realizadas foram em relação aos diferentes “ gays “, diferenças socioculturais que diz respeito ao entendimento e ao enfrentamento dos preconceitos e discriminações. Assim como um dos processos de inclusão e exclusão social e institucional dos diferentes sujeitos.

Salientando que os termos usados em relação a sexualidade diferente do padrão social, na sua maioria das vezes são colocados de forma pejorativa, equivalente a “bizarro” e “anormal”, através de xingamentos discriminatórios , procurando fazer uma desclassificação da pessoa diante das demais, muitas vezes chegando a determinados atritos, mediante a construção de sujeitos rotulados como “anormais”, inferiores em oposição aos sujeitos que se enquadram nos padrões considerados “ normais “ na sociedade.

De acordo com algumas pesquisas e estudos já realizados, certas atitudes homofóbicas podem dizer muito sobre a personalidade das pessoas que exteriorizam este tipo de característica.

Por exemplo, alguns indivíduos que têm pontos de vista fortemente negativos sobre pessoas homossexuais, geralmente em sua maioria têm níveis mais elevados de psicoticismo e demonstram ser mais imaturos em relacionamentos do que aqueles que aceitam a homossexualidade de uma forma mais natural.

Isso não significa que todas as pessoas homofóbicas são obrigatoriamente psicóticas. O psicoticismo, segundo LINDAMIR S.. Casagrande, 2009, é um traço de pessoa com personalidade marcada pela hostilidade, raiva e agressividade para com os outros. O que pode caracterizar um comportamento com insegurança e imaturidade e que podem ser frequentes em pessoas homofóbicas, podendo até sentir desejos por pessoas do mesmo sexo.

5. CONCLUSÃO.

Com este estudo deu a perceber em nível de conclusão que apesar de todo os debates, programas específicos sobre o assunto, mas ainda encontramos em uma considerada larga escala a grande necessidade de podemos incluir o conteúdo no currículo escolar para que a escola possa fazer um trabalho de conscientização e de conhecimentos mediante nos deparar ainda com alunos do Ensino Médio com certa resistência camuflada.

Uma resistência que abre espaço a homofobia mediante a heteronormatividade ainda ser considerada com a característica padrão na sociedade e na cultura da maioria pelo simples fato de contar com a maioria e não haver um posicionamento seguro da diversidade pelo motivo preconceitual que gera vergonha , discriminação, distância, insegurança, constrangimento, aborrecimento e até intolerância que não deixa de ser já uma prática homofóbica.

A sexualidade é primeiramente abordado no espaço familiar e assim são repassados os



valores sociais e culturais de acordo com sua esfera de conhecimento e limitações e assim reproduzidos por nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Portanto cabe a escola como uma agência do conhecimento e principalmente aos educadores buscarem uma forma para auxiliar no processo de educação pelo conhecimento escolar, encontrarem uma nova forma de construção para um ponto de auto-referência, por meio de um estudo reflexivo e crítico das diferenças e das igualdades humanas e suas devidas importâncias na formação da personalidade, do caráter e na parte integral do indivíduo seja homem ou mulher.

(...) não é no ambiente social que os sujeitos se fazem homem ou mulher em um processo continuado e dinâmico, dado no nascimento e, partir daí, selado para sempre, mas como processo de vida inteira no contexto das práticas sociais. (RANGEL, 2013, p.84).

Na verdade, para alguns alunos, a escola tem sido um *verdadeiro inferno* mediante o relacionamento discriminatório por conta da sexualidade da pessoa, onde alguns alunos maiores, ou com idades superiores, se aproveitam e criticam, diminuem, batem e criam um clima de constrangimentos.

Na verdade, muitas vezes, nem os profissionais tomam conhecimentos do que acontece na escola, pela discriminação que muitas vezes os próprios “gays” passam e sentem da sua própria situação. É como se eles estivessem obrigados a inferiorizarão diante dos considerados: “homens, machos, hetéros, “.

É como se eles fossem pessoas “erradas” “diferentes”, fora do padrão, sem direito para reclamar do sofrimento que são submetidos pelos colegas na escola, pelos xingamentos com apelidos que inferiorizam, pelos gestos de ridicularizarão, principalmente quando há aspecto afeminado, pela diferença na voz, pelo andar e outras formas que afirmam a diferença, mesmo no período da infância, quando ainda não existe a prática de sexualidade.

Mas, para alguns já rotulam os “gays” e aí começa todo o desrespeito invasivo a intimidade da pessoa”.

Esta conclusão se deve as respostas, as observações, as trocas de ideias com outros profissionais da escola, onde temos nesta turma alunos “gays” masculino e feminino.

Portanto, chegamos a conclusão que nos cabe a responsabilidade de problematizar levantar questionamentos e procurar ampliar o espaço de conhecimentos e de opções para trabalhar a respeito deste tema na escola, procurando também dar uma certa atenção para com aqueles que a comunidade escolar sinta que há uma maior necessidade ou demande uma certa atenção, para evitar a prática excludente na escola para com os alunos na sua diversidade de gênero e de sexualidade.

E no caso de reações homofóbicas que seja auxiliado com um trabalho específico em ambos os casos, do agressor (a) e do(a) agredido(a), como uma forma de reparar o preconceito e



que posamos atingir um bom e melhor rendimento escolar, oferecendo oportunidade de igualdade e criando-se um clima de aceitação como seres legítimos e lícitos socialmente, não considerando a forma particular do prazer sexual da pessoa .

Pautando-se como um trabalho que diz respeito a responsabilidade dos educadores e da escola como um todo como um complemento à educação oferecida pela família, muitas vezes de forma preconceituosa por falta de conhecimento real da causa, embora a escola disponha desta força da inclusão curricular em comum acordo com os valores familiares , por entendermos que esta é uma abordagem concreta para abrir espaço para uma pluralidade de diferentes concepções educativas , inclusive em respeitar as diferenças e não violar os direitos, garantindo a integridade física e moral de todos na comunidade escolar.

Na prática , concluímos que a palavra homofobia significa a repulsa ou o preconceito contra a homossexualidade e/ou o homossexual, assim como as outras formas de preconceito, como uma atitude de colocar a outra pessoa, no caso, o homossexual, na condição de inferioridade, de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como padrão, norma.

A homofobia é a expressão do que podemos chamar de hierarquização das sexualidades, representando o medo, o desprezo, a desconfiança, o ódio, e a aversão às pessoas homossexuais.(...) Tem expressões claras e específicas na escola, de modo que essa instituição não só reproduz o tratamento preconceituoso e injusto contra pessoas de orientação homossexual, mas o recria e intensifica, por conta da obrigatoriedade de ir e estar na escola, que torna muitos alunos e alunas LGBT alvo de discriminação, segundo os padrões da heteronormatividade (CARVALHO, 2009,p.24)

Podemos citar como um grande exemplo de reação homofóbica o caso que algumas pessoas e por muitos anos acreditavam que a AIDS era uma doença exclusivamente dos homossexuais. Dessa forma, o “aidético” era aquele que tinha relações homossexuais. Assim, as pessoas podiam se sentir protegidas, uma vez que o mal da AIDS não chegaria até elas (heterossexuais), mediante a falta de conhecimento e a discriminação homofóbica instalada na sociedade e gerando um verdadeiro ódio a essas pessoas

Portanto, certos de termos contribuído para auxiliar a desenvolver uma abordagem pedagógica que teve como objetivo principal um pouco de conhecimento deste tema com esta turma. Acreditamos na nova leitura e outra visão com um novo modo de ver, refletir e agir diante das relações de gênero, sexismo e homofobia instigando sempre o diálogo no âmbito escolar e em toda sua atuação como pessoa no exercício de sua cidadania para com a educação entre pares, desconstruindo os preconceitos e fortalecendo uma formação mais consciente e mais humana.

Finalmente chegamos a uma conclusão que a melhor forma para combater a prática homofóbica na escola em se tratando da diversidade de gênero e da sexualidade e principalmente as reações homofóbicas é procurar trabalhar o assunto enquanto é tempo para não gerar desafeto de algum aluno(a) LGBT, podendo chegar ao ponto de atrapalhar o desenvolvimento cognitivo, social



e cultural dos alunos ou alunas. Portanto, cabe aos profissionais da escola a responsabilidade de buscar uma melhor forma para desenvolver um trabalho de esclarecimento e conscientização de uma maneira simples, naturalizando o fato para um novo olhar por parte dos que ainda não conseguiram evoluir ainda os seus conhecimentos.. Com certeza não adianta pensar em punição, pois só viria a aumentar o ódio, o desprezo por essa minoria e assim aumentar o problema na comunidade escolar e conseqüentemente o desprezo pelos homossexuais. Pois o caso da homossexualidade na escola pode ter como autores alunos, Professores ou Funcionários da escola, embora possa haver uma melhor aceitação ou menos rejeição por estas pessoas , mas , que pode ser motivo para acarretar problemas de socialização na comunidade escolar.

6. REFERENCIAS.

BRASIL. Ministério da Saúde . Adolescentes e Jovens para a Educação entre pares. Gêneros.Saúde e prevenção nas escolas – Vol. 7 Série B – Brasília – DF. 23012.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil – 1988.- Ministério da Educação. Explanada dos Ministérios .. bloco I. Brasília – DF.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Equidade de gênero e diversidade sexual na escola. João Pessoa – Ed. Universitária – UFPB 2009. 46p.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa.Gênero e diversidade sexual.Um glossário. Escolas Plurais.João Pessoa – Ed. Universitária – UFPB – 2009 – 56p.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. Nanci Stancki e Marília Gomes de Carvalho. Orgs. Igualdade de Gênero. Enfrentando o sexismo e a homofobia. Editora UTFPR. Curitiba – 2011.

RANGEL, Mary, A escola diante da diversidade. Rio de Janeiro. WALK EDITPORA, 2013.

PCNs.Pluralidade Cultural. Orientação Sexual. MEC. Brasília. Volume 10 – 2001 – 164p.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de Carvalho. Por uma educação escolar não-sexista. UFPB – 2003 – Editora Universo.